



NOVA
ONTOPSIKOLOGIA

REVISTA SEMESTRAL - N.2 - 2006 - ANO XXIV - DEZEMBRO DE 2005

DOSSIÊ

**SONHO: a Ontopsicologia assinala.
Os outros procuram.**

PORQUE A ONTOPSICOLOGIA É CIÊNCIA INTERDISCIPLINAR

O saber se conjuga por elementos evidentes para fazer aplicações coerentes e contínuas sobre exigências formalizadas e precisas.

Hoje, o voluntarismo social da democracia numérica constitui *imprimatur* ou *ipse dixit* e, conseqüentemente, sanciona ou legaliza o resultado do consenso de fato majoritário: é verdadeiro aquilo que o consenso configura. A sociedade constitui princípios e valores, direitos e deveres em plena autonomia da realidade constituída pela natureza em si e pelos comportamentos determinísticos da natureza ou de como as coisas estão. Isso não turba aquele saber que é reversibilidade ôntica, mas inquieta a existência do cientista (ou filósofo) em si. Ele é isolado da comunicação social, onde a igualdade exclui as diferenças e impõe exclusiva a soma dos consensos.

Existencialmente o cientista quer amar: "Ama o próximo como a ti mesmo". Mas ele não pode. Para possuir título social, deve amar somente como os parlamentos assinalam. Médicos e cirurgiões curam como as normas impõem, não como a saúde ensina. E é por isso que suicídios, esquizofrenia, neoplasias, autismos, tuberculoses, alcoolismo, droga, delinqüência, depressão, Aids, crise de identidade, neuroses aumentam tranqüilamente. Isso não depende tanto dos 6 bilhões de habitantes deste planeta (população em crescimento), mas da dicotomia, cada vez mais marcante, entre ciência e sociedade, tecnologia (mercado) e saber. A psicologia contemporânea, de Freud aos nossos dias, desviou do próprio significado nativo: o saber, o existir, o ser e as fenomenologias da psique (alma, espírito, intencionalidade, modo específico do Em Si do homem). Não possui sentido algum, a não ser o societário, o significado de psique no âmbito psiquiátrico, neurológico e psicológico (faculdade e ordens de psicologia). Tal psicologia possui o *imprimatur* do estatuto societário, mas não possui a valência funcional, enquanto carente do nexos causal entre pesquisa e individuação etiológica do sintoma. A falência da psicologia contemporânea possui três limites:

- 1) a incapacidade das causas das anomalias comportamentais, cognitivas e psicossomáticas;
- 2) a redução precária à assistência e manutenção das síndromes: o doente é um portador de deficiência e, como tal, deve ser respeitado e protegido (o doente tem direito de ser doente e curá-lo seria violentá-lo);
- 3) a perda do horizonte do ser, da estrutura psíquica do homem enquanto ente inteligente e voluntário constituído de matéria e forma e posicionado no devir aporético.

Hoje, da psicoterapia à consultoria empresarial, muitos profissionais fazem assistencialismo moral e filosófico. A ausência dos critérios é consentida pelo relativismo das plurietnias e ideologias da globalização.

Em qualquer conselho legislativo ou científico falta o conceito e distinção a) de ente, b) de consciência, c) de essência, d) de personalidade. Esses pontos não são teoremas, são módulos informáticos da constituição orgânica que influenciam também o bio-orgânico-homem. Antes do homem societário, permanece apriorístico o determinismo das leis de natureza. Já é notável a separação entre consciência e realidade individual. A natureza ordinária, da qual o nosso corpo já é um compêndio de ordem, é desconhecida.

Quando me interessei por psicoterapia, já era experto diretor de almas (segundo a acepção católica) e, além disso, possuía a severa competência do que é e de como se faz filosofia (segundo o significado kantiano-aristotélico). Tinha, ainda, outros dois doutorados: em

Antonio Meneghetti



sociologia e em teologia.

M. Heidegger não havia entendido o problema que E. Husserl colocava. Husserl evidenciou a carência de fundamento a todas as ciências, enquanto carentes de nexos ontológicos (mundo-da-vida), e a inconsistência dos valores existenciais. Tudo era fenomenologia e faltava aquele princípio constituinte para elaborar, com ele, a funcionalidade científica e a realização existencial. A fé que eu possuía, então, sabia que estava baseada em um ato voluntário jamais certificado por intelecto e razão.

Os dez anos de intensa atividade clínica, sem apoio de fármacos, por dez horas todos os dias, com centenas de clientes de várias culturas e afetados por sintomas que iam da neoplasia à depressão, da esquizofrenia à cardiopatia, foram anos de intensa pesquisa, análise e verificação.

Nesses anos resolvi o sintoma, descobri o critério-base ou nexos ontológicos do indivíduo e as suas variáveis na aporética existencial e consegui correlacionar intervenções funcionais a ele e, sobretudo, ver o sincronismo causal entre indivíduo e a vida, entre indivíduo e os outros, entre indivíduo e a sociedade, entre existente e o ser. A via biológica abriu-me a sanidade no existir do indivíduo e do social.

Os meus dez anos de psicoterapia levaram-me à evidência da reversibilidade entre teoria e resultado, imagem e estrutura dinâmica, até o ponto de intuir os elementos exatos da matéria, abstraídos pela interação do observador segundo o princípio de indeterminação de Heisenberg. E assim a hipótese matemática a partir da análise de Gödel.

Substancialmente, eu havia também encontrado as referências exatas para resolver o problema crítico do conhecimento e, portanto, o quanto dele depende.

O erro constante de ciência e filosofia depende da mediação que a consciência opera entre externo e Em Si do homem. Deve-se refazer a consciência lógica do Eu e torná-la coincidente ou transparente entre objeto e sujeito. Mudando a consciência em relação às coordenadas do real externo (objeto) e **do presente** interno (sujeito ou Em Si ontológico), tem-se a evidência dos nexos informativos e causais e, portanto, atua-se o enveramento em ação específica fora das informáticas da memética deflexiva ou desviante da doxa societária.

A Ontopsicologia é terapia de autenticação da consciência. É método que primeiro 1) evidencia a não-correspondência entre consciência e Eu e a realidade objetiva e subjetiva; e, depois, 2) abre a conexão entre espelho ou reflexão (ou consciência) e realidade, objetiva ou subjetiva.

A consciência, ou Eu, já está no ser segundo a específica individuação.

Uma vez que a consciência é exata, **pode operar ad intra e ad extra** no existir, e saber continuamente a intencionalidade ontológica.

Uma vez que a consciência readquire a reversibilidade, colhe o próprio Em Si ontológico e, a partir disso, está contemporaneamente no ser e no existir, no nùmeno e no fenômeno. E, assim, todas as operações lógico-rationais seguem as variáveis de qualquer ação da realidade antropocêntrica (eu não conheço todo o real, mas somente aquele real que me faz tal ou que se aproxima de qualquer modo – químico, psíquico, matemático – ao meu plano de existência).

O erro de toda a filosofia está nos estereótipos histórico-societários da consciência. A ética social pretende-se original ontológica e impõe-se nos processos racionais. Por exemplo, o positivismo exige a medida com o objeto. O idealismo exige a medida com o sujeito. Ambos usam a consciência ou reflexão. Se ela não é funcional de identidade, é impossível a racionalidade do sujeito e do objeto.

Repristinando (metanóia) a consciência segundo o projeto bio-natural, vêem-se os nexos funcionais entre existência e ser.

Após esse esclarecimento, compreende-se que a Ontopsicologia não possui relação alguma com a diáspora da psicologia corrente – como psiquiatria, neurologia e as várias escolas de psicoterapia assistencial e as formas de análise ou psicanálise.

Na verdade, é ciência interdisciplinar que consente o processo de autenticação ou de exatidão dentro dos princípios instrumentais das diversas ciências. Ela oferece a técnica para certificar 1) o cientista (em qualquer campo) como homem capaz e competente, 2) a aplicação da hipótese como êxito aos resultados previstos desejados.

Íntegra e soberana em si mesma como ciência interdisciplinar elementar, a Ontopsicologia, no momento, é aplicada na filosofia, sociologia e economia

Didascalía Parmenidea

O ser é, o não-ser não é.

Eu existo, portanto, de algum modo sou.

Refletindo o existir

entro na contemporaneidade do ser.

Confirma-se por evidência ou reversibilidade.